

## VIDA E EVOLUÇÃO ESPIRITUAL

Em geral há a tendência em criar uma imagem caricatural dos grandes pensadores. Tales, conta Diógenes Laércio, caiu a um péso quando olhava os astros. S. Tomás: um boi velho. Kant um velho pedante, alheio à vida e maníaco pela pontualidade. Clavo é nada, aliás concorda com a realidade, antes é uma figura exaltada, melho conhecida, com base nos obras de extrema abstração e rigor q' produziram. Hegel não foge à regra: expone os mistos como um campeão prof. de filosofia, mergulhado em incompreensões abstraições e tiradas de uma ereta. Clavo é os seus obras são difíceis, de algumas, como a "Phenomenology do Espiritu", não se pode, não se entende entender em todos os pormenores (e th' não é Hegel th' os tiveram entendido, nem em alguma instância privilegiada...).

Hegel, no entanto, não tinha apatia da vida, antes possuía uma inflexibilidade de conceitos empíricos e lógicos

orientar-se profundamente nos realidades práticas e discorrer sempre não evidentemente exteriormente o profundo pensamento e largos caminhos. Não era, como Fichte uma personalidade voluntarista, propensa a radicalismos; nem, como Schelling, uma personalidade genial que vive, voltada para a arte e de grandes fantasmas andava. Apresenta-se como um simples homem de ciência, e em trabalhos lentos e <sup>calmas</sup> cuidadosos suas obras profundamente pensadas; cujo estilo acadêmico era mesmo, e um-pia conscientemente o seu deveres p.º com a família, p.º com a sociedade. Mas, ao mesmo tempo o seu domínio de Hegel era de perspectivas amplas, plenas e a sua personalidade estava divinamente viva.

Henrique Gustavo Hotho, que foi o autor dos livros de História de Hegel, foi uma das crianças do Norte, quando começou os seus estudos em Berlim. Embora se trate de um retrato romântico vale a pena ler alguns parcos: é o retrato de Hegel de magnificência. Assim se exprime

o torçimento: "Nunca esquecer a 1ª impressão do seu  
 rosto. As faces, pálidas e flácidas pertencem ao do  
 um morto. Nelas se reflectia, não qualquer paixão  
 da natureza, mas um estado inteiro de um pensa-  
 mento laborando em silêncio dia e noite. O tormento  
 da dúvida, a febre das impressões tormentas in-  
 delictivas não poderiam ter a pligião nem agitado  
 agrade meditar, buscar e encontrar de quarenta annos.

Unicamente tinha pensado de tanta rugas, a fronte,  
 as maxillas, a boca e a form sem sempre de  
 desenvolver de modo cada um mais r'is e mais profundo,  
 mais expresso e mais inevitável, o sermen da verdade  
 ferymente deswherta". E mais adiante continua:

"a nobreza da lealdade e da profunda melit'ario  
 danti nos olhos an'imas como nos maiores, a consciên-  
 cia clara de ter tomado com as melhores forças no-  
 menti na verdade uma ultima satisfação, ~~enquanto~~

tudo isso se encontrava impresso em todos os seus  
 livros de seu tempo". Era este o aspecto do Hegel  
 moderno, do tempo de Berlin e que e' o resulta-  
 do da disposiçao espiritual ja' existentes na infancia  
 e no jovem.

Jorge Guilherme Frederico Hegel, tal era o nome  
 do filosofo, de um dos mais famosos filsofos do  
 Ocidente, nasceu em Stuttgart (Alemanha) em 27 de  
 Agosto de 1770. E' todo a sua vida permaneceu um  
 suabo; lutou em religiao, meditando como rei em  
 geral os suabos e nem em Berlin chegando a abandona-  
 rar o Dialecto suabo. Durante os seus estudos de  
 Stuttgart foi um aluno brilhante, com grandes conhecimentos  
 da natureza, mas não se distinguia em nenhum aspecto  
 especial, embora fosse <sup>atrasado</sup> novo e jovem que se sentia <sup>atrasado</sup> impo-  
 ssado pelo genio grego. Tinha entao em alto grau a  
 Antigona de Sophocles, que tentou de parar a veras almeças.

Importante e' an'ales men'ion o apres, par  
 que d'uber a h'istoria, apres, q' omnia mani aban-  
 donou. N'um fragmente de d'ic'io de r'ou e'p'ou de  
 erudite secundari'os (1786) l'amente "que an'ales nois  
 ne deubar eruditeo filosof'ic'amente e a f'ondo a h'istoria".  
 E entre os trabalhos ent'ao q' an'ales ne conservam, encon-  
 tra-se um "L'obre a religio' dos judeus e dos tomann" de 1787  
 com'ic'ada no modo de racionalistas de Zim'baum, ent'ao r'ig'ente  
 e outro "L'obre algumas d'iferen'as caracter'istic'as dos hebreus  
 antigos" (1788 P) em q' se op'e a poesia antiga e a modern'ia  
 um modo de erud'io de Schiller "L'obre a poesia r'ig'ion'ale  
 r'om'ic'amente"

Terminados os estudos secundari'os H. manteve-se  
 como erud'ante de teologia na famosa fundacio' de  
 T'ri'bi'ngem onde cursou 2 annos h'istoria e 3 annos teologia.  
 Nos annos q' passou de reitor: em floren'ca, f'oi  
 d'irector de estudos em We'p'ano f'ac'idade e adve'ss'ario  
 de Kant-Flatt e em floren'ca, um representante de d'esper'ia  
 human'is'imo d'ebilitado racionalista Stow. Mas nunca fundou

são deves como constataciões, com as suas as línguas  
 por uma amizade profunda ~~de~~ grandes figuras do  
 Romantismo alemão: Hölderlin (sem esquecer de  
 Goethe) e Schelling, mas não de 5<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> anos.  
 Uma amizade lutavam os ideais mais puros  
 Hölderlin era o jovem poeta apaixonado pela Grécia  
 antiga; mas o vocação no culto da Grécia;  
 este elemento formador da antiguidade clássica  
 vem associar-se ao Cristianismo. Com Hölderlin  
 e com Schelling ler Hegel, Platão e Kant. Os três  
 estudavam Rousseau e participavam com grande entusiasmo  
 pelos ideais da Rev. Francesa. A verdade que mesmo  
 q' os três sempre tinham plantado uma árvore da libe-  
 dade como testemunho de fidelidade à Rev. Francesa.

Assim é q' esta liberdade reconquistada pela França  
 viram um resumo da Grécia Antiga. A parte pela Grécia  
 antiga é o dos tempos fundamentais do Romant. Alemão  
 (Lening, Herder, Goethe, Schiller) que se viria por Winkelmann.

Um povo que e' preciso renovar. Hegel no Final de Tristram exalta a religião grega, natural e sem dogmas. E' o maior ideal implantado na Terra e q' deve renovar-se. Conta-o Hölderlin no Hinos.

(Ver Tassiniaux - La mortalgie de la Grice à l'aube de l'idealisme allemand) Destes mortalgis da gre'cia antiga e o entusiasmo perante a R. Romana, Schelling, Hölderlin e Hegel vão fazer o tema da sua arte e se idealizarem por uma frase: "Reino do Deus".

(Ver J. Tassiniaux - La mortalgie de la Grice à l'aube de l'idealisme allemand).

Apesar do entusiasmo manifestado por estes sentimentos Hegel nunca a alcança, por falta dos conceitos, do reino. De facto, por muito que se sempre mesmo vivo e irrompido e davanti a estada no Final de Tristram não obtemos a mesma de ser excepção realmente dotado. A inteligência de Hegel não era pouco como a de Schelling e levava sempre a amadurecer. Quando deixam a Universidade, no certifica-ção de estudos aponta-lhe o seu bom carácter,

o conhecimento filológico e teológico e a sua pouca  
 facilidade p.<sup>o</sup> a filosofia. Hegel não requir a  
 carreira eclesiástica, tal como os seus dois outros  
 companheiros; não sentia vocação e experimentalmente  
 nos poucos meses oratórios p.<sup>o</sup> pouco serviu. E  
 assim vai, de momento, enquanto nos alcança, uma  
 cartela universitária, fazer o q. fizeram Kant, Fichte,  
~~Schell~~ e Hölderlin: ganhar a vida como professor  
 familiar.

Depois de ficar aprovado no exame de teologia (ou-  
 tobo de 1793) vai Hegel ocupar o tempo de professor  
 na casa da família Steiger, em Berna; e na única  
 permanença 3 annos e as peculiaridades politica e historia  
 dos cantões suíços existavam a embandeada politica e  
 historia de Hegel.

Algum tempo depois o conhecimento filológico:  
 A religião dentro da limitação da mesma região de Kant (1793)  
 vai ter sobre de influencia. Hegel inclina-se para



o círculo de filosofia kantiana (Kant e seus discípulos) deste círculo da filosofia kantiana brotavam as dissertações e os fragmentos de Hegel cujos manuscritos se conservam experimentalmente o publicado A vida de Jesus (1795) é um escrito simples põe em relevo o significado moral da vida de Jesus, pretendendo demonstrar Neli um herói e artefice em harmonia com os eminentes moralistas da razão: a vida de Jesus sem analogias, escrita em linguagem kantiana; Cristo aparece-nos como é apresentado em profeta kantiano. Existem ainda uns fragmentos (1795-96) de um escrito A positividade da religião cristã. De novo celebra em Cristo o profeta da razão, mas denuncia nos apóstolos a origem da falsificação do seu ensino, que transformam o espírito vivo em positividade. Substituíram por isso o "medi na ~~razão~~ razão" por um "medi em Cristo". O anticomunismo da religião natural no seu fundamento transformou-a em religião positiva. Hegel combateu esta

positividade, primeiro com o argumento de Kant: mas as verdades eternas devem ser necessárias e necessárias, a racionalidade exige que estejam fundamentadas apenas na essência das coisas, não em fenômenos de outros: externos, contingentes para as coisas? Hegel nesse mesmo texto ultrapassa Kant; afirma um outro argumento contra a positividade: "as mitologias, as doutrinas, os mandamentos opõem-se à liberdade e à vida infinita, e protestam contra toda a submissão." X

Hölderlin, o amigo fiel da Fundação de Tübingen obteve-me um novo ponto de percepção em Frankfurt am Main (Janeiro de 1797). Ali se vai desenvolver um intercâmbio pessoal de ideias entre o filósofo e o poeta, enquanto Hölderlin estava já atarefado de trabalho. A época de Frankfurt representa o momento de maturação da sua originalidade. Entendam-se os outros textos, os

filosofias e políticas, mas cada vez u de outro,  
 mais claramente, a invasão universalista da  
 sua vocação filosófica.

Em Frankfurt morou e amou a Alemanha,  
 foi iniciado na Suíça, de 1 obra política de Jean  
 Jacques Cost, Cartas familiares sobre a antiga de-  
coração jurídica-política do país de Vaud com a cidade  
de Berne e outras escritas memórias de outras questões  
 de administração, pública no Württemberg e sobre econo-  
 mia política (comentário à parte do sistema mercantilista)  
 Mas os produtos mais valiosos da sua estada em  
 Frankfurt são os dois fragmentos que Nöhl editou  
 em outras junções de Hegel com o título O espírito  
de Aristóteles e o seu destino e onde se encontram  
 os pontos de vista da filosofia da religião e da  
 filosofia da história. D'Elthey chamou-lhe documento  
 único sobre a formação de um pensamento filosófico.

A posição de Hegel relativamente ao Cristianismo sofre certas alterações. A figura do Cristo já não é a de um profeta kantiano, que celebra a elevação da razão humana e exalta o homem moral. Agora Kant é rejeitado por Cristo e assimilado aos Judeus. Hegel começa por pensar em vista os grandes momentos da história do judaísmo. A harmonia do homem com a natureza foi rompida com o dilúvio e assim o homem tornou-se estrangeiro na terra, ensotrou-a abandonada. Quem primeiramente compreendeu o ~~sentido~~ sentido deste abandono e o assumiu como um destino foi Abraão. Não tenta reconstruir o mundo deslocado mas entra na dependência de um deus imprensado pelos postulados da razão prática kantiana. Para Hegel, Abraão renova o destino dos judeus. Ele vive a terra, impoz de amor no trabalho

a rebelião de Samaria. Nunca os judeus compreenderam a feliz harmonia do povo grego, não entendem de seu Deus e' no' sem rebelião com Ele etoum de negativo.

Nerti. horizonti aparece Jesus. Opõe-u a o de h'no judaico na totalidade. Toma note si deo o de h'no de povo judaico para o assumir e o superar. Todos os seus esforços e pregações travam-se no intuito de seu povo. Toma-u a vitória do seu povo.

Onde os judeus mandamentalmente judaicos impunham servi as letras oume submissão lega, oume obediência sem alegria, Cristo opunha a potência infinita do amor. Contra tudo o que e' elaborado e morto afirma a potência infinita da subjectividade.

A moral judaica, tal como a moral kantiana, era uma moral de dever, o único fundamento era a obediência ao Deus, obediência objectiva, pois esta apoiava-u em prescrições. Jesus recusa esta objectividade.

Hegel, criticando a moral judaica, passa a criticar a moral kantiana. Os mandamentos da Lei judaica e o imperativo categórico no fundo coincidem. O judeu é' escravo do Deus onnipotente de Abraão; Kant interioriza em Deus e transforma o homem em escravo de si mesmo. A humildade, em ambos os casos, fica sempre humilhada e magoada.

Cristo opõe a frieza da lei e dos mandamentos sem amor e sentimento da vida. O conceito é' expulsos pela vida. Pelo amor eleva-o Cristo acima da justiça e da injustiça, acima do direito. A moralidade deixa de ser obediência à lei para se tornar em experiência espontânea de uma vida que é' participação na vida divina.

Jesus, porém, não pode escapar ao seu destino: para instaurar o reino do Amor, renuncia ao mundo, à vida, a todos os bens terrenos. So' the rest, afirma

Hegel, a fuga para fora do mundo.

Estas considerações, que Hegel expõe pela 1.<sup>a</sup> vez, aparecerão desenvolvidas longamente, depois de atualizadas, na Fenomenologia do Espírito, grande tratado de compreender uma das atividades fundamentais do Espírito, que se encontram no Romantismo Alemão e que culmina na figura da Bela Alma (romães de consciência infeliz).

Este amor universal de Cristo foi vivido primeiramente pelos discípulos. Transformou-se lentamente em religião positiva, cenando, por fim mesmo, de seu espírito divino. Toda a história de Jesus é a história desta positividade.

Como pode observar-se, a abertura de Hegel orienta-se para o problema da alienação (moral judaica) e recuperação da unidade perdida. Este

unidade recupera-se mediante a vida em amor, superadora do abismo entre o homem e Deus.

Ainda em Frankfurt escreve o chamado Fragmento de Sistema, Aí Hegel aborda o problema da superação das oposições ou antíteses especialmente as postas entre o finito e o infinito. Colocados como meros espectadores, o movimento da vida aparece-nos como uma multiplicidade infinita organizada por indivíduos finitos, e a natureza. A natureza pode ser objecto p.º a reflexão ou entendimento, mas os objectos individuais, que integram a natureza, são transitórios e mortais. O pensamento, que em si mesmo é uma forma de vida, pensa a unidade entre as coisas como uma vida infinita e necessária, livre da mortalidade que afecta os indiv. finitos.

Esta vida infinita, que se conhece como levando em



ni mesmo a multiplicidade, e não como abstracção conceptual, recebe o nome de Deus ou Espírito. Uma ideia as coisas finitas a partir de dentro, mas sem as atingir como tais.

Neste Fragmento de sistema afirma H. que o pensamento conceptual não é capaz de unir finito e infinito de modo que nenhum distinga o outro. A natureza, a unificação do Uno do múltiplo sem que este não se distinga no primeiro não pode obter-se mediante a própria elação do homem do finito à ideia infinita; este processo é a elevação. A própria é por si subordinada à religião. Porém é necessário imporem a oposição uno-múltiplo, mas não pode, por si só, realizá-lo. O infinito é considerado imomentaneamente finito e compreendido em si mesmo o finito. Este sistema não pode viver-se, tal como a vida Cristo, i. e., no amor. A mediação entre finito e infinito

não é a reflexão, mas o amor.

Claro que a filosofia há-de tentar saber como é  
 q̄ a vida religiosa supera as oposições. Para isso necessi-  
 tava de um novo tipo de lógica, q̄ seja capaz de  
 seguir o movimento da vida e que não deixe as  
 conciliações opostas numa oposição irreconciliável. Esti  
novo tipo de lógica vai fazer a transição de Hegel filósofo  
para o Hegel filósofo, melhor ainda a transição de  
uma concepção que julga estar a religião superior  
a tudo, para outra concepção em q̄ a filosofia  
especulativa constitui a suprema verdade. O problema,  
porém, continua o mesmo: relação entre finito e infinito  
e a ideia de infinito como espírito.

Hegel aspira à terceira universitária e é Schelling  
 que então prof. em Jena lhe aconselha q̄ vá para  
 Jena dele. Hegel pede muito de seu pai d'uma recibi-

do novo regime, tornou-se e melhoraram bastante a sua posição económica e deram origem a muitas das posições de perceptor. Em janeiro de 1801

chegou a Jena que era o novo centro do movimento filosófico. Um pouco depois publicou um trabalho

intitulado Diferenças entre os sistemas filosóficos de Fichte e Schelling (1801). Com esse trabalho quer mostrar

que estes sistemas eram na realidade diferentes e que o de Schelling representa um avanço rela-

tivo ao de Fichte. Todavia encontra-se neste trabalho vários pontos de divergência com Schelling. Amim, p. ex., p. 2.

Hegel a int. intelectual não significa uma int. mistica de um abismo obscuro e impenetrável, o

ponto onde todos os diferenciais desaparecem; é antes a compreensão que a razão tem da ambigüidade

como um momento da vida em sua compreensão do absoluto.

Precisamente em juízo, nos seus escritos, é que Hegel  
 vai tomando consciência da sua originalidade e do  
 seu progresso apartamento de Schelling. Ainda  
 no ano de 1801, ano em que chegou a Juízo de pen-  
 de de seu de habituação à cátedra universitária  
 com o trabalho De orbitis planetarum. A ideia  
 fundamental é que na natureza existe uma ordem  
 racional logicamente compreensível e deduzível  
 a partir de princípios. Esta ideia é interpretada  
 por Hegel no sentido de idealismo

Colabora no Revista Crítica de Schelling.

Em 1803 Schelling afastou-se de Juízo sendo chamado  
 para Wurtzburgo. Este recado foi para Hegel uma  
 oportunidade espiritual e o seu sistema foi desenvolvido  
 através dos escritos que ministrou no Univ. Os aconte-  
 cimentos políticos na Alemanha tornaram a vida difí-  
 cil e H. chegou a sentir resistido em Juízo. Muitos

professores começaram a abandonar a Univ. de Jena, então os quais o fiel e teólogo Niethammer, amigo de Hegel, e as condições econômicas do novo período não eram brilhantes.

Durante estes tempos difíceis apareceram o grande pensador q̄ era Hegel. Em 1806 acabou a obra q̄ o vai tornar famoso: A Fenomenologia do Espírito

Depois da batalha de Jena, que interrompeu a vida universitária o seu amigo Niethammer obteve-lhe um lugar de redator na Gazeta de Bamberg (Out. 1807 - Nov. 1808) e posteriormente recebeu a cátedra do Gynasium de Nuremberg (fim em 1815). Promoveu os estudos clássicos e filológicos. Foi em Nuremberg onde se estabeleceu a si vida de modo a escrever os seus dois volumes famosos da Wissenschaft der Logik (1812-1816).

Hegel aceita então uma cátedra na Univ. de Heidelberg; <sup>(1816)</sup> aí publica a Enciclopédia das Ciências Filosóficas em cinco volumes (Enzyklopädie der philosophischen

Wissenschaften im Grundriss 1817.

Em 1818 ocupou uma cátedra na Universidade de Berlim onde chegou a Reitor e onde morreu de epidemia da cólera em Nov. de 1831. Alcançou uma posição única como fil. em toda a Alemanha. Foi o fil. oficial da Prússia. Rodeado em seus dias de discípulos que sentiam o vasto campo de pensamento que a dialéctica do Mestre alcançava. Nela se refletia a cultura interna, o processo da nacionalidade incluindo a história do homem, vida política e actividades espirituais. Tudo a despeito da obscuridade passada e sem brilho do futuro.

Em Berlim, obra preparada para a imprensa, esp. nos vols sobre as Livros Fundamentais da Filosofia do Direito. As obras q posteriormente foram editadas consistem nas Livros que m. vezes se desdobram em apontamentos de mente e outras vezes são propriamente por fonte as notas dos alunos: Livros sobre a Hist. da História, Livros sobre a Hist. da Filosofia, as

Lições sobre a Estética,

O sistema hegeliano

Qual é o obj. da fil. para Hegel? É o Absoluto, mas o Absoluto é a totalidade, a realidade inteira, o Universo. A fil. ocupa-se da verdade e a verdade é a totalidade. Esta totalidade é a vida infinita e portanto um processo de auto-desenvolvimento. Para falar em termos de "fenomenologia do Espírito" o Absoluto "é o processo de seu próprio desenvolvimento" a realidade é um processo teleológico e o termo ideal pressupõe o processo completo e definitivo "o seu significado". O Absoluto aparece nos, por exemplo, um resultado, por ser o final do processo total de <sup>auto-</sup>desenvolvimento de uma ideia eterna e q' nos revela o que o Absoluto é na realidade.